

## **O BANHO DE BEBÊS NA ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE CRECHES MUNICIPAIS DO RECIFE**

Maria Eduarda Dos Santos Neves<sup>1</sup>

Ana Paula Fernandes da Silveira Mota<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O estudo investiga as percepções de professores da rede municipal de Recife sobre o momento do banho na creche, com foco em sua importância para o desenvolvimento físico, emocional e social das crianças e a intencionalidade pedagógica no planejamento dessa prática. A pesquisa destaca que, embora o banho muitas vezes seja visto apenas como uma tarefa de cuidado básico, potencialmente, é um momento de aprendizado e interação afetiva, essencial para o fortalecimento de vínculos, autonomia e autoestima da criança. A fim de compreender a percepção de professores de creche sobre essa atividade na rotina dos cuidados, realizamos entrevistas semiestruturadas com professores, de Berçário e Grupo I, da rede municipal do Recife. Os resultados mostram que o banho transcende a higiene, configurando-se como uma oportunidade de construção de vínculo entre o adulto e o bebê, na qual o professor atua como mediador, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças.

**Palavra-chave:** Educação infantil. Creche. Banho. Infância

### **1 INTRODUÇÃO**

Bebês são sujeitos que necessitam de um ambiente seguro e de cuidados. Quando se pensa “cuidados” direcionados aos bebês, não se pode limitar ao atendimento das necessidades físicas, pois, como sujeitos completos que são, é preciso cuidar e educar, ocupando-se em atribuir sentidos e significados a todas as ações envolvidas. Assim, o adulto responsável por cuidar e educar deve estabelecer uma relação harmoniosa e enriquecedora, comprometida com a qualidade das interações e com a construção saudável de um vínculo afetivo.

Na rotina da educação infantil, visando essa relação de vínculo, o momento do banho se revela como um cuidado essencial para além da higiene, assumindo uma esfera afetiva fundamental ao desenvolvimento emocional e social, como destaca Dagnoni (2012). O autor ressalta que, durante esse momento, é necessário existir intencionalidade educacional e planejamento por parte do educador, visando não somente a promoção do cuidado, mas também momentos de aprendizado por meio das interações, numa relação que estabeleça vínculos e compartilhamento de sentimentos e descobertas. Ujiie e Pietrobon (2007, p. 237) complementam, afirmando que “o momento do banho é, assim, para a criança, também

---

<sup>1</sup> Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. eduarda.sneves@ufpe.br

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Ensino e Currículo – Centro de Educação – UFPE. ana.fsilveira@ufpe.br

oportuno para o desenvolvimento de competências e habilidades múltiplas, estruturação e reconhecimento do esquema corporal”.

Ademais, o educador, peça fundamental para esse momento, não atua apenas como um facilitador dessa prática, mas também como um referencial de cuidado e afeto. Sua presença acolhedora e amorosa durante o banho ajuda na construção de uma atmosfera de confiança e respeito mútuo, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da autoestima da criança, haja vista que, de acordo com Carvalho (2003, p. 13-14) “é o adulto na figura do professor, quem na instituição infantil ajuda as crianças a identificar suas necessidades, priorizando-as e atendendo-as”, possibilitando que a instituição de Educação Infantil seja um “ambiente social adequado a um contexto rico em interações (ações partilhadas nas relações criança-adulto, criança-criança, adulto-adulto, criança-adulto-conhecimento)”. Sendo assim, ele desempenha um papel significativo ao oferecer um apoio emocional e promover uma cultura de aceitação e inclusão.

Geralmente, percebe-se na compreensão inicial da formação pedagógica dos educadores, a atribuição ao banho como um momento de cuidado essencial a ser realizado pelos auxiliares de desenvolvimento infantil, e, assim, uma “tarefa” sem valor pedagógico. Essa compreensão foi fortemente percebida nas duas experiências que tive, durante o processo formativo no curso de Pedagogia, como monitora do componente curricular Educação Infantil. Nas discussões que permeavam o cuidar e educar, o banho sempre se mostrou como algo valioso na rotina das crianças, nos escritos de alguns autores e na exposição da docente. Além disso, por meio dos debates de experiências enquanto estagiária e dos pares da disciplina, percebi que era um campo pouco explorado nas instituições, arrisco a dizer que, de certa forma, não colocado em pauta. Ele se revelava nos planejamentos como tema exploratório da higiene pessoal.

Diante disso, surgiu o interesse em investigar as seguintes questões: qual é a percepção dos professores sobre a importância do banho na rotina diária das crianças na Educação Infantil? Como os professores utilizam o banho como uma ferramenta para a aprendizagem e o desenvolvimento social e emocional das crianças? Existe uma intencionalidade pedagógica clara no planejamento e na execução das atividades relacionadas ao banho? Como o banho pode ser transformado em um momento de aprendizado significativo, segundo a visão dos educadores? De que forma o banho contribui para a criação de um ambiente de confiança e segurança emocional na Educação Infantil?

Mediante o exposto, esta pesquisa visa compreender como os professores de crianças bem pequenas enxergam o momento do banho na rotina diária, no sentido de considerar a

relevância dele para a criança, mais especificamente, dentro da faixa etária de zero a dois anos, designadas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) como bebês, de zero a um ano e seis meses, e crianças bem pequenas, de um ano e sete meses a três anos e onze meses. De forma mais específica, pretende-se investigar as percepções de professores de bebês/crianças bem pequenas sobre o momento do banho na rotina diária, explorando suas concepções acerca desta prática para o desenvolvimento físico, emocional e social das crianças. Além disso, busca-se perceber qual a intencionalidade pedagógica no momento do banho a partir do planejamento da professora e da organização da rotina.

Assim, tendo em vista que a Educação Infantil é uma etapa de ensino que visa garantir uma educação integral, desde a entrada da criança na creche, faz-se importante que o cuidar seja levado em consideração, mas que este, vinculado ao educar, tenha finalidades definidas e relacionadas ao aprendizado, além de experiências significativas, entrega e construção de um vínculo de confiança. No caso do banho, é essencial que esse momento represente para a criança, especialmente aquelas da faixa etária mencionada anteriormente, um momento agradável e não apenas uma mera parte da rotina diária estabelecida para o cumprimento da limpeza e higienização do corpo.

Para o levantamento de artigos, teses e dissertações sobre o tema de análise, foram consultados periódicos nas bases: portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Scientific Electronic Library Online (SciELO), no recorte temporal da última década (2014-2024) por meio dos descritores “educação infantil”, “creche”, “banho” e “infância”, com o indicador booleano “and” e “or” disponíveis, especificamente, nas bases de dados.

Foram encontradas 125 produções no total. Após realizada a triagem, obtivemos 58 resultados na busca “creche”, onde 5 mencionam o espaço definido para o berçário, 8 retratam o desenvolvimento infantil, 7 versam sobre a relação do educador nos cuidados e momentos vivenciados na creche, 5 pesquisas falam sobre o cuidar e educar e mencionam o banho, 12 temas não focam especificamente neste momento e 21 retratam planos pedagógicos do educador em relação a creche.

Ao utilizar os descritores "banho e educação infantil", foram encontrados 25 estudos: 14 tratam do cuidar e educar, mencionando o banho; 3 abordam o papel do professor na educação infantil; 5 não têm relação com o tema; e 3 discutem o desenvolvimento infantil.

A partir da análise acima, destaca-se o estudo de Melchior e Biasoli-Alves (2002) onde é investigado o comportamento de bebês na rotina diária de uma creche no interior paulista. Os resultados indicam que os bebês da amostra, adaptados ao ambiente coletivo, apreciam

atividades como o banho de sol, têm bons hábitos alimentares e dormem tranquilamente. Por fim, o estudo também relata que com o aumento da idade, os bebês demonstram maior participação em atividades interativas com outras crianças, aceitam bem a troca de fraldas e o banho, e começam a entender melhor o momento da alimentação, brincando e se locomovendo com mais tranquilidade no berçário.

Outro trabalho foi o de Gonçalves e Santos (2020) que explora a descoberta da sexualidade entre crianças da educação infantil e examina as representações sociais da comunidade escolar de Mato Grosso do Sul. Nota-se que o estudo revela que a sexualidade faz parte da vida das crianças desde cedo, o que torna importante abordar esse tema nas escolas, mesmo que alguns familiares acreditem que deveria ser tratado em uma fase posterior. Ademais, na instituição investigada, práticas educativas, como o uso de bonecas e bonecos com genitais, além do banho de bebês, ajudam a esclarecer as dúvidas das crianças pré-escolares sobre as diferenças entre corpos femininos e masculinos. Nesta pesquisa, o banho ganha relevo ao ser um veículo que contribui para ações voltadas à aprendizagem sobre a sexualidade.

Em Silva e Oliveira Neto (2022) encontramos uma investigação sobre as relações de gênero na educação infantil, focando nas dinâmicas que emergem durante as brincadeiras. Nesse sentido, os autores abordam como essas relações se manifestam em diferentes momentos da rotina escolar, incluindo a presença de professores do sexo masculino e momentos de cuidado, como o banho. A pesquisa destaca que, de modo geral, o brincar e a interação das crianças, bem como a atitude dos professores, refletem e reforçam concepções de gênero e sociedade e o banho é trazido como um momento que professores do sexo masculino também participam.

No entanto, de maneira geral, ainda que os estudos analisados (Melchior e Biasoli-Alves, 2020; Gonçalves e Santos, 2020; Silva e Oliveira Neto, 2022) versem sobre aspectos importantes do desenvolvimento infantil e mencionem o banho presente nesse processo, não trazem tal atividade como experiência pedagógica que promove o cuidar-educar e que, por isso, exige uma postura docente baseada em saberes e ações planejadas. Assim, a lacuna nas discussões sobre o tema reforça o interesse de pesquisa permeado neste trabalho

A seguir, nas próximas seções, apresentaremos a pesquisa desenvolvida, trazendo a fundamentação teórica com discussões sobre a trajetória histórica Educação Infantil e o sentido de cuidar e educar; o banho como ação pedagógica na rotina de Educação Infantil e o papel do educador. Prosseguindo, a metodologia da pesquisa é apresentada e, em seguida, os resultados e a discussão a partir de entrevistas e leituras, vislumbrando o potencial do banho. Por fim,

serão apresentadas as considerações finais com os desdobramentos para o campo da Educação Infantil e as reflexões desdobradas a partir da pesquisa realizada.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL AO LONGO DO TEMPO E SUA RELAÇÃO COM O CUIDAR E EDUCAR**

No Brasil, as abordagens pedagógicas para a Educação Infantil são recentes. De acordo com Oliveira (2005), as primeiras instituições de ensino infantil surgiram em meados de 1900, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Entretanto, apenas nas décadas 20 e 30 novas escolas desta etapa de ensino começaram a surgir, visando o cuidado de crianças pequenas em prol de proporcionar a oportunidade de suas mães trabalharem. Esse novo contexto social surgiu em detrimento do aumento da urbanização, das mudanças na organização e estrutura das famílias e da participação ativa das mulheres no mercado de trabalho (Ferronato, 2006, p.27).

Com a recente criação de creches e pré-escolas no Brasil, modelos de educação trazidos dos Estados Unidos e da Europa se tornaram referências para o atendimento das crianças que frequentavam essas instituições. Segundo Oliveira (2005), o projeto adotado na época, considerava a criança um sujeito carente, sofrendo de privações culturais, e cabia à escola corrigir essas supostas deficiências. Os atendimentos tinham caráter puramente assistencialista, como aponta Kuhlmann Jr. (2000) ao afirmar que se tratava de uma pedagogia da submissão, visto que não objetivavam reduzir as desigualdades sociais, mas fazer com que as famílias desfavorecidas economicamente aceitassem a exploração social sem indagações.

De acordo com Ferronato (2006) as abordagens adotadas em instituições de educação infantil tinham como objetivo combater a pobreza e resolver problemas relacionados voltados à sobrevivência de crianças pequenas. Esse argumento serviu como justificativa para baixar a qualidade do atendimento, devido à ausência de investimentos adequados, escassez de recursos materiais, formação acadêmica irregular dos profissionais e um elevado índice de crianças por educador. Kuhlmann Jr. (2000, p. 8) salienta que o apoio educacional nessas instituições já previa que o atendimento à pobreza não deveria demandar grandes investimentos.

Com o advento do crescimento da economia brasileira e a ativa participação das mulheres no mercado de trabalho, passou a existir mobilizações sociais nas décadas de 70 e 80. Tais movimentos foram encabeçados por mães, sindicatos, especialistas em educação e grupos de bairros, visando reivindicar a expansão das vagas em instituições de ensino para a garantia

do atendimento de crianças e adolescentes. Como resultado, em 1988 foi promulgada a Constituição Federal, que, no art. 205, define a educação como um direito de todos, sendo responsabilidade do Estado, da família e da sociedade promover o desenvolvimento integral do indivíduo. Em especial, o art. 208, inciso IV, estabelece que o atendimento em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 6 anos é responsabilidade do Estado.

Oliveira (2005) afirma que, apesar de ser um direito garantido por lei, o acesso à educação infantil ainda não era prioridade nas políticas públicas. Entretanto, em meados de 90, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os direitos das crianças foram consolidados. Em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), pautada na Constituição retromencionada. De acordo com a referida lei, a educação infantil passou a ser considerada a primeira etapa da educação básica, com o objetivo de promover o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, complementando a ação da comunidade e da família.

Partindo disso, os princípios fundamentais subjacentes à elaboração das bases curriculares para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem de crianças de 0 a 6 anos incorporam conceitos-chaves de educação, aprendido por meio da brincadeira e do cuidado. Como aponta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.17), este último adquiriu uma perspectiva mais ampla, envolvendo aspectos como proteção, saúde, alimentação, afeto, estimulação, interação, oportunidades para exploração, segurança e descoberta a partir de brincadeiras. Essa abordagem rompe estreitamente com a concepção de cuidado mencionada anteriormente, visto que era limitada à garantia de condições básicas de sobrevivência para crianças pequenas.

A partir de debates voltados, também, para o cuidado, surgiu a ligação e o caráter indissociável entre ele e o educar. A compreensão da indissociabilidade da relação do cuidar e educar que as instituições de Educação Infantil necessitam ter é algo recente (Brasil, 2010). Ao observarmos a trajetória das creches e pré-escolas, é possível identificar que existiam duas formas de trabalho: aquelas que realizavam trabalho assistenciais e as que se ocupavam das funções educativas.

Contudo, as instituições que executavam tarefas relacionadas ao cuidado, como o banho e a alimentação eram consideradas menos prioritárias se comparadas com as que desempenhavam papéis educacionais. Diante da compreensão sobre o sentido de cuidado com crianças, ficou evidente que a separação com o sentido de educação deveria ser abandonada, criando um ambiente que atendesse a todas as necessidades específicas dos pequenos, de modo a não privilegiar um em detrimento do outro.

A Educação Infantil, diferentemente das outras etapas de ensino, exige atividades de cuidado, visto que as crianças pequenas ainda não possuem plena autonomia para desenvolver cuidados como alimentação e higiene, por exemplo. Para além, faz-se fundamental perceber, como explicita Wallon (2010) que os bebês são indivíduos que aprendem e constroem conhecimento por meio das trocas sociais, das relações com o ambiente e com os adultos e outras crianças, que são proporcionados também nos momentos de cuidado. Acerca disso, Silva e Bolsanello (2002, p. 32) afirmam que:

aliada às questões da sobrevivência, vislumbra-se a necessidade intrínseca de a criança interagir, aprender, sentir, perceber, ou seja, quando o adulto realiza ações sobre a criança do ponto de vista do cuidar, ao mesmo tempo estabelece com ela uma vasta gama de relações (Silva; Bolsanello; 2002, p. 32).

Desse modo, torna-se claro que a palavra cuidar não deve limitar-se apenas à higiene, mas sim englobar toda a pessoa. O termo cuidar deriva do latim, originário do verbo *cogitare*. Ele possui dois significados: o primeiro relaciona-se ao ato de refletir e, o segundo, ao âmbito das emoções, denotando preocupar-se com interessar-se por.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (Brasil,1998) refere-se aos cuidados relacionais como aqueles ligados ao afeto. Salientar a expressividade por meio das emoções, o que é bastante relevante na Educação Infantil, evidencia a amplitude que o termo cuidar deve possuir. Quando afinamos nossa observação e audição em relação à criança para entendê-la, além de atender às necessidades básicas dela, estamos fortalecendo os laços e promovendo interações adulto-criança e criança-adulto. Sobre isso, Macêdo e Dias (2006, p.4) ressaltam que:

subjaz a ideia de que as ações de cuidado além de racionais são, sobretudo, interativas, pois demandam o desvelo, a criação de vínculos, o acolhimento do outro apesar das diferenças, a construção de conhecimentos culturais e atitudes sociais (Macêdo; Dias, 2006, p.4).

Ao compreendermos que os envolvidos nesse processo são seres integrais, abrangendo suas facetas emocionais, sociais e físicas, percebemos que as experiências ultrapassam os conhecimentos culturais estabelecidos, tidos como pedagógicos. Especialmente quando se trata de crianças, em que os laços estabelecidos e as interações sociais são ainda mais cruciais para a formação de suas identidades. Todo esse conjunto resulta em práticas de cuidado e educação. Ainda acerca da dicotomia entre o cuidar e educar Macêdo e Dias (2006, p.4) apontam:

[...] é possível afirmar que o desenvolvimento integral da criança só pode se materializar a partir da superação da dicotomia cuidar/educar e conseqüentemente, por meio da integração destes dois processos. Não se concebe mais uma educação que divide, parte o ser humano, privilegiando apenas o aspecto cognitivo em detrimento do afetivo e também do social e do motor. (Macêdo; Dias, 2006, p.4)

No entanto, apesar de uma variedade de estudos elencarem a importância e a ligação intrínseca entre cuidar e educar, ainda não é o bastante para extinguir a divisão que persiste nas rotinas de creches e pré-escolas. O grande desafio reside em reconhecer a criança em sua totalidade, tratando-a como um sujeito de direitos, ativo no processo de crescimento, em todas as suas dimensões cognitivas, emocionais, sociais e físicas. O objetivo principal é alcançar o desenvolvimento integral das crianças, algo que é inviável sem a integração das práticas de cuidado e educação.

Nesse sentido, Macêdo e Dias (2006 p.7) afirmam que “a cisão entre as ações de educar e cuidar se configura como uma atitude incoerente e inconsequente que tem imprimido à Educação Infantil marcas de fragmentação e inconsistência manifestas por diferentes concepções e ideologias”. Contudo, atuar com a criança de forma completa implica acolhimento, honrar suas particularidades, promover sua independência, demonstrar e receber afeto e compreender suas expressões emocionais, a fim de contribuir para sua formação global.

## 2.2 ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:-O BANHO COMO AÇÃO PEDAGÓGICA E O PAPEL DO PROFESSOR

A rotina abarca a organização da ação formativa e vem sendo tornando cada vez mais percebida como um fator crucial para a estruturação do fazer pedagógico na Educação Infantil na medida em que pode colaborar para o progresso da autonomia e interações sociais das crianças, impulsionando seu desenvolvimento como sujeitos completos.

Porém, no histórico da Educação Infantil, a rotina foi um assunto pouco debatido, apesar de estar estreitamente vinculado ao dia a dia das creches, tanto na organização do tempo quanto na estruturação e uso dos espaços. É de suma importância salientar que essa temática foi pouco explorada no campo da Educação Infantil, especialmente em creches, visto que estas só foram reconhecidas como estabelecimentos educacionais em 1996. Nesse contexto, investigar o aspecto pedagógico delas, com base na rotina, auxilia na compreensão do papel educacional, por meio da necessidade de redefinir sua função social, como aponta Batista (1998, p.48), quando afirma que esta resignificação possibilita construir a identidade da creche “pela valorização dos tempos da criança, pelo resgate de seus direitos, de suas competências e dos seus saberes que lhe são próprios”.

No entanto, apesar dessa atenção à rotina e à Educação Infantil, especialmente às creches terem ganhado relevância nas últimas décadas, persistem a pouca quantidade de pesquisas sobre a rotina no âmbito educacional, mais especificamente ao falar sobre o banho como momento dela. Por outro lado, não se trata de uma reflexão recente, pois há preocupações

em compreendê-la desde o final do século XVIII. É o que afirma Barbosa (2006, p. 36) ao mencionar que “o tema das rotinas vem sendo tratado, indiretamente, desde os textos fundadores da educação infantil, como Rousseau, Pestalozzi, Froebel e Maria Montessori, e que aparecem de modo mais visível nas propostas contemporâneas de educação infantil”. Na realidade, é imprescindível reiterar que a rotina é essencial para a qualidade do serviço prestado na Educação Infantil, concordando com Zabalza (2008, p. 52) ao elencar que:

as rotinas desempenham um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro por um esquema fácil de assumir.

Sendo assim, é fundamental enfatizarmos que, ao concebermos a rotina no âmbito de creches, devemos explorar as habilidades e diversos aspectos da criança. Em parceria com a família, a creche pode se tornar um dos pilares essenciais na formação da criança. Daí a importância de uma abordagem única na elaboração de uma rotina nesta etapa de ensino, uma abordagem que priorize especialmente a necessidade de interação social entre os bebês. Assim, repensar o papel da creche, hoje, envolve desenvolver atividades educativas que promovam a criação de um ambiente propício para estimular a aprendizagem, a fim de que as crianças experimentem situações repletas de descobertas, com prazer, alegria e afeto. E ter uma rotina organizada e estruturada significa pensar em maneiras de utilizá-la de forma que os bebês possam desenvolver independência, em um espaço estimulante onde tenham diversas oportunidades de ação, explorando, descobrindo e consolidando a aprendizagem e as relações com os pares.

Dentro desse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2010) defendem que o currículo da Educação Infantil deve garantir experiências que “promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança”. (Brasil, 2010, p. 25).

Com as transformações que a creche vem passando, é imprescindível adotar uma nova perspectiva em relação ao seu cotidiano, o que implica considerar a rotina como elemento essencial para a edificação do progresso do bebê. Através de uma rotina cuidadosamente planejada, as crianças podem desenvolver sua identidade e autonomia, e progredir nos aspectos motores, cognitivos, sensoriais, sociais e afetivos. Reconsiderar o dia a dia da creche é um desafio para a formulação de uma nova rotina, que atenda às necessidades biológicas e

cognitivas da criança, visando alcançar os objetivos estabelecidos, com flexibilidade. Dessa forma, entrelaçaremos o cuidar e o educar.

Entre as práticas estabelecidas de cuidado, o momento do banho em creches faz parte de uma rotina definida, onde muitas vezes é caracterizada pela repetição mecânica e, em muitos casos, pela ausência de objetivos educacionais. Então, seria ele apenas uma questão que envolve a higiene corporal?

Realizando uma breve análise histórica sobre o que sabemos acerca da higiene dos bebês, as influências culturais e as visões sobre a infância tornam-se evidentes através da descrição das práticas pouco atentas à limpeza deles. Historicamente, sabe-se que apenas no final do século XVIII é que os bebês começaram a ser banhados regularmente, e esses banhos eram realizados com água muito fria (Thévenot; Naouri, 2004, p.56). Essa observação revela o quão insensível a sociedade era em relação aos bebês, visto que os cuidados mínimos para sua sobrevivência eram ignorados.

O banho na rotina dos bebês em creches é mais do que uma questão de higiene; é um momento de cuidado e atenção que contribui, significativamente, para o seu desenvolvimento integral. De acordo com Guimarães (2011, p. 48), é nesta perspectiva que entenderemos que o encontro do adulto com o bebê não é somente um momento de cuidado “instrumental” (banho, troca de fraldas), mas um momento de “encontro da criança com o adulto, num sentido de diálogo, abertura e experiência compartilhada”. A água morna, o toque suave das mãos que os lavam, e a voz tranquila dos cuidadores criam uma atmosfera de segurança e conforto, essencial para o bem-estar emocional dos pequenos.

Além disso, o banho ajuda a estabelecer uma rotina previsível, o que é especialmente importante em um ambiente coletivo como a creche, onde a estrutura e a previsibilidade são fundamentais para transmitir aos bebês uma sensação de ordem no seu cotidiano. Ao mesmo tempo, ele oferece uma oportunidade única para exploração de novas sensações, o que é vital para o desenvolvimento sensorial e cognitivo. Portanto, o momento do banho nas creches é um ato repleto de significados e benefícios, desempenhando um papel crucial na jornada diária de crescimento e descoberta dos bebês.

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidados também precisam seguir princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre desenvolvimentos biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em considerações diferentes realidades socioculturais (Brasil, 1998, p.25, v. 1).

A dedicação ao cuidado infantil envolve compreender e auxiliar no desenvolvimento humano dos pequenos, o que exige tempo, interesse e um compromisso profundo. Cuidar é um ato de se envolver com o outro, especialmente quando esse outro está nos primeiros anos de vida, uma fase primordial para a formação integral do ser. No contexto educativo, cada criança deve ser vista como um ser único, com capacidades e potenciais que precisam ser explorados e desenvolvidos. O educador, ao integrar o cuidado na rotina diária, assume um papel de comprometimento com o crescimento de cada criança, orientando-as para se tornarem sujeitos autônomos e independentes.

Nesse cenário, o banho assume um papel pedagógico central. Ele não é apenas um momento de higiene, mas também uma oportunidade de aprendizado e descoberta. A interação durante o banho, com o toque cuidadoso e a voz dos educadores, oferece lições valiosas sobre o mundo sensorial e emocional. O banho se torna um elemento chave na rotina das creches, um momento em que o cuidar e o educar se fundem, proporcionando aos bebês uma experiência rica em estímulos e afeto, essencial para o seu desenvolvimento saudável e harmonioso. É um tempo dedicado não só à limpeza, mas também ao fortalecimento de vínculos e ao incentivo da curiosidade natural das crianças.

É inegável que bebês, devido à pouca idade, requerem a assistência de adultos para atender suas necessidades físicas. É essencial integrar nas políticas de formação e nos currículos de Pedagogia espaços de reflexão sobre a importância de fornecer cuidados pessoais de qualidade às crianças, especialmente os relacionados ao corpo. Isso repercute em iniciativas que permitem às crianças "[...] ser auxiliadas nas atividades que não puderem realizar sozinhas; ser atendidas em suas necessidades básicas físicas e psicológicas; ter atenção especial por parte do adulto em momentos peculiares de sua vida" (Brasil, 2006, p. 18).

Barbosa e Quadros (2017, p. 48) destacam essa falta de visibilidade como um processo de ocultação das aprendizagens relativas aos cuidados pessoais, incentivando-nos a considerar a importância de "[...] reverter esse silenciamento sobre as aprendizagens relativas às vidas concretas das crianças bem pequenas e defini-las como aprendizagens cotidianas de valor curricular, a serem realizadas também na escola".

Essa assistência do adulto está para além de uma simples realização de tarefa, mas promove uma interação colaborativa entre o educador e o bebê. Mesmo durante atividades que envolvem o banho, os bebês podem participar e serem ativos em ações que envolvem seu próprio cuidado. A maneira como esse adulto interage, com gestos delicados e respeitosos, permite que eles desenvolvam confiança no educador e perceba o mundo como um ambiente

confiável e seguro. Essas primeiras experiências de aprendizado, muitas vezes negligenciadas, são essenciais para o desenvolvimento da identidade deles (Tardos; Chahin, 2018).

A acolhida dos bebês ao chegarem é um momento que ressalta como eles se sentem seguros ou não, na companhia ou na falta de adultos. Esse momento crucial, especialmente evidenciado durante o banho, revela a indissociabilidade entre cuidar e educar, conforme estabelecido em nossos documentos legais. Nesse sentido, o banho se destaca como uma experiência fundamental, onde as crianças não só são limpas, mas também se sentem protegidas e valorizadas. Dentro desse contexto de cuidado e educação, elas têm a oportunidade de viver plenamente a infância e desenvolver sua identidade como sujeitos humanos, através de todas as interações e atividades diárias.

Desde os primeiros momentos de vida, os bebês começam a aprender através da identificação com seus cuidadores. Eles observam atentamente as manifestações emocionais dos adultos e gradualmente começam a replicar esses comportamentos. Através da convivência diária, eles desenvolvem a habilidade de discernir as posturas e traços distintivos de seus educadores, e assim aprendem a navegar por diversas circunstâncias. Diante disso, por meio de pequenas interações estabelecidas no cotidiano, os bebês desenvolvem sua identidade, como destacam Gonzalez-Mena e Eyer (2014, p. 281) ao afirmarem que:

bebês e crianças bem pequenas estão em processo de formação do senso de si mesmos. Eles não têm muita certeza sobre quem são, do que gostam e a que lugar pertencem. A formação de sua identidade ocorre à medida que absorvem imagens deles mesmos, ao se verem refletidos nos olhos de seus cuidadores. Eles aprendem se identificando com os cuidadores e imitando-os (Gonzalez-Mena; Eyer, 2014).

Neste sentido, o educador desempenha um papel multifacetado na vida das crianças, indo além de um simples provedor de cuidados. Ele é um exemplo a ser emulado, uma fonte de segurança e um guia para o desconhecido. Durante o banho, um momento de vulnerabilidade e aprendizado, o educador utiliza os olhos atentos e as ações cuidadosas para ensinar sobre confiança, empatia e respeito. Este momento diário se torna uma janela para as crianças observarem, imitarem e assimilarem, construindo uma imagem de si mesmas que é única e, ao mesmo tempo, influenciada por aqueles que as cercam.

As primeiras experiências de cuidado corporal são fundamentais na formação do campo da confiança entre o bebê e seu educador. Este vínculo de confiança é propiciado através de cuidados meticulosos e seguros que não apenas protegem o bebê, como mencionado anteriormente, mas também promovem um ambiente suscetível às ações exploratórias. O papel do educador é crucial, pois é ele quem proporciona essa constante proximidade, respondendo

às solicitações de interação e se ajustando ao ritmo do bebê. O educador, portanto, não é apenas um provedor de cuidados, mas um facilitador de experiências significativas. Ao atender às necessidades físicas e emocionais do bebê, ele estabelece as bases para um desenvolvimento saudável. Através de sua presença atenta e responsiva, o educador permite que o bebê se sinta seguro para explorar e interagir com o mundo ao seu redor, aprendendo e crescendo em um ambiente de apoio e compreensão.

### 3 METODOLOGIA

O estudo em questão possui uma abordagem qualitativa que responde a questões muito particulares, ou seja, um nível de realidade que não pode ser quantificado. De acordo com Minayo (2007, p. 21) ela se propõe a trabalhar com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, sendo esse conjunto de fenômenos humanos entendido como parte da realidade social.”

Para corroborar, segundo Guerra (2014) a abordagem qualitativa:

objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam dessa situação (Guerra, 2014).

A pesquisa é de natureza exploratória, visto que, segundo Gil (2010) tem como propósito proporcionar maior familiaridade quando não se tem ainda informações sobre o problema que envolve a pesquisa, sendo necessário um levantamento bibliográfico e entrevistas.

Para a nossa investigação, optamos pela utilização de entrevistas semiestruturadas com professores de creches municipais da Prefeitura do Recife. A amostra foi composta por três docentes concursados e atuantes em turmas de berçário e Grupo I, que atendem bebês de até 2 anos. Essa escolha se deu pelo caráter flexível desse instrumento, além de ser caracterizada como uma ferramenta privilegiada de comunicação e interação. Segundo Minayo (2007), a entrevista pode ser descrita como uma interação com propósito específico.

Além disso, na modalidade semiestruturada é possível integrar perguntas fechadas e abertas, possibilitando ao entrevistado elaborar suas respostas livremente, sem estar restrito às perguntas formuladas. Ademais, o entrevistador pode fazer novas perguntas que não foram previamente planejadas à medida que as respostas são fornecidas durante o momento. A entrevista é uma das principais fontes de dados utilizados em pesquisas qualitativas por oferecer, de acordo com Minayo (2007, p. 65) informações construídas por meio de um diálogo

com o sujeito entrevistado e abordar a reflexão do próprio indivíduo sobre a realidade que experimenta.

É importante justificar que foram selecionadas duas professoras do Grupo 1 e um professor do Berçário. As entrevistas das duas professoras do Grupo 1, uma da Região Político Administrativa 1 e outra da Região Político Administrativa 4, foram realizadas através do *Google Meet* tendo em vista a indisponibilidade para a entrevista presencial. Quanto a entrevista do Professor 1, atuante no Berçário da Região Político Administrativa 1, foi realizada presencialmente. Todos os três foram entrevistados nos meses de agosto e setembro do respectivo ano de 2024. O objetivo da entrevista foi verificar as percepções dos docentes sobre o papel pedagógico do banho na rotina da creche.

No tocante à formação dos profissionais, o professor 1 (P1) possui formação em Pedagogia e está cursando Mestrado em Educação. Ele começou a trabalhar oficialmente com crianças há oito meses, após ingressar como docente efetivo na Prefeitura do Recife. Esta é sua primeira experiência como docente na Educação Infantil, especificamente com bebês, uma escolha que fez por encantamento pelas descobertas dos pequenos e pela forma como eles se relacionam com o mundo. A professora 2 (P2) também é pedagoga e está cursando especialização em Educação Especial. Começou a trabalhar com Educação Infantil recentemente, tendo apenas um ano de experiência. Já a professora 3 (P3), que possui apenas formação em Pedagogia, relatou a importância de sua formação acadêmica e continuada no trabalho com crianças pequenas. Vejamos abaixo, no Quadro 1, uma síntese da descrição da amostra dos participantes da pesquisa.

**Quadro 1 – Profissionais da Educação**

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>TEMPO DE ATUAÇÃO</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>TURMA/IDADE</b>
Professor (P1)	8 meses	Graduação em Pedagogia e está cursando Mestrado em Educação	Berçário/1 ano a 1 ano e 5 meses
Professora (P2)	1 ano	Graduação em Pedagogia e está cursando Especialização	Grupo 1/1 ano e 9 meses a 2 anos
Professora (P3)	8 meses	Graduação em Pedagogia	Grupo 1/1 ano e 9 meses a 2 anos

**Fonte:** As autoras (2024)

A análise dos dados foi conduzida, primeiramente, utilizando a metodologia de análise temática de conteúdo proposta por Bardin (1979) *apud* Gomes (2007). Foram desenvolvidas algumas categorias para abordar as questões relacionadas aos objetivos específicos e, posteriormente, foram realizadas inferências para alcançar de maneira consistente e interativa

as descobertas sobre o conteúdo analisado. A discussão e interpretação dos dados levantados foram apresentados nos resultados da pesquisa, a fim de contribuir para a produção de conhecimento na área de formação em questão em uma perspectiva mais abrangente.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Explorar reflexões acerca das interações de professores nos entrelaces do cuidado, sobretudo no momento do banho, faz-nos pensar acerca da relação que é estabelecida entre o professor e o bebê. Diante disso, para atender aos objetivos propostos neste estudo e com base nas entrevistas realizadas com os três professores participantes, deu-se início à seleção das situações mencionadas. Os episódios registrados, a partir da percepção dos professores, revelaram as seguintes categorias fundamentais para a análise: percepções sobre o momento do banho: bem-estar emocional e relações interpessoais; e, desafios enfrentados para a prática do banho.

##### 4.2 PERCEPÇÕES SOBRE O MOMENTO DO BANHO

A rotina do banho deve ser organizada de maneira a garantir tanto a continuidade do processo de desenvolvimento do bebê quanto à preservação do vínculo afetivo com o adulto, promovendo um momento de cuidado e fortalecimento emocional.

Segundo Guimarães (2018), o ato de cuidar:

[...] não se resume apenas a uma habilidade técnica, mas envolve atenção, reflexão e contato, considerando também o componente emocional. Cuidar significa oferecer carinho e estar atento ao outro. É uma ação que integra corpo, emoção e mente. (Guimarães, 2018, p. 42)

O trabalho em creches demanda bastante do estado emocional dos professores, além de ser uma atividade que requer grande dedicação, P1 considera o momento do banho como um momento fundamental que integra o cuidar e o educar. Ele afirma:

*O momento do banho? Ele integra o binômio, o cuidar e o educar no nosso planejamento, em nossa organização. Obviamente tem higiene, mas também tem o processo da construção de uma relação afetiva entre o educador e o bebê. (P1)*

O professor destaca que o banho não é apenas uma questão de higiene, mas também um momento de intimidade e construção de uma relação afetiva, visto que promove a construção de uma relação de confiança:

*Quando a criança constrói a confiança no educador, sobretudo nesse espaço de contato olho a olho, num tato ali, ela consegue levar essa sensação de segurança para outros momentos. (P1)*

Os momentos de cuidados corporais são fundamentais para promover a interação entre o adulto e a criança. Durante o contato direto, em que há uma atenção individualizada e exclusiva, o bebê e o cuidador fortalecem os laços afetivos de maneira mútua. A rotina de cuidado não se limita apenas à habilidade técnica, mas também demanda uma qualidade relacional e uma disposição para interações interpessoais (Guimarães, 2013, p. 40). Cuidar envolve atenção e afeto, pois engloba aspectos físicos, emocionais e mentais de forma integrada e essa é uma compreensão expressa por P1.

Já P2, apesar de entender o potencial do banho, não revela uma fala direta sobre ele, mas ressalta ações de cuidados durante a rotina do bebê ao destacar que *"as crianças passam o dia na escola, então, elas estão ali sendo bem cuidadas, alimentadas, tomam dois banhos, fazem cinco refeições"* (P2).

Para P3, o momento do banho está para além da higiene, sendo visto como uma das bases para o desenvolvimento integral do bebê. Em sua fala, ressaltou que o banho proporciona um fortalecimento de vínculo e, conseqüentemente, a construção de uma relação de confiança:

*O banho, para mim, é um momento muito importante na rotina das crianças. Não é só uma questão de higiene. Eu vejo como um momento de cuidado integral, em que a criança se sente acolhida, se acalma e cria uma relação de confiança com a gente.*  
(P3)

Frequentemente, o ato de cuidar é visto como "dar conta" da rotina diária, envolvendo tarefas como alimentação, banho e sono, que, em geral, são subvalorizadas nas sociedades urbanas ocidentais. Por outro lado, a educação é muitas vezes entendida como o processo de transmitir conhecimento e valores, de forma unilateral, do professor para a criança (Guimarães, 2018, p. 42).

Para os três professores, o banho é percebido como cuidado e tem uma pertinência na rotina para a construção de uma boa relação docente-bebê.

#### **4.1.1 O banho como promotor do bem-estar emocional**

O banho é um momento crucial para o bem-estar físico e emocional dos bebês. Esse ritual favorece interações afetivas entre o bebê e os cuidadores, fortalecendo vínculos e promovendo a autoestima. As experiências sensoriais, como o toque e os sons da água, criam um ambiente seguro, essencial para o desenvolvimento emocional e social na primeira infância. Acerca do bem-estar que o banho proporciona, P3 traz o seguinte relato sobre uma criança:

*Ela chega com o cabelo, muito sujo, muito sujo, assim fica com o cheirinho ruim [...] A gente já deixa as coisinhas, tipo, separadas pros bebês que precisam, né, lavar o*

*cabelinho já com certa frequência. [...] Quando banha ela, tu precisa [sic] ver a felicidade dessa criança, ela faz assim ó com o cabelo (gesticula), fica sacolejando, a coisa mais linda do mundo [...] Ela é outra criança quando você banha e lava o cabelo! É um momento de muita felicidade, sabe? É a hora que ela abre um sorriso com aqueles cachinhos imensos, a coisa mais linda do mundo, só vendo! (P3).*

Fisicamente, o banho oferece uma sensação de conforto e limpeza, removendo a sujeira e proporcionando alívio, especialmente em casos como o descrito pela professora, cuja falta de cuidado adequado resulta desconforto. O banho, portanto, não é apenas um momento de cuidado físico, mas também um espaço para promover o bem-estar emocional das crianças. “O bebê é capaz de expressar sua alegria, suas emoções, seu sorriso, seu desagrado, sua surpresa e seu interesse por meio de diversas expressões faciais e caretas, que deixam claro para quem interage com ele o que está sentindo” (Thévenot e Naouri, 2004, p. 179). A experiência de ter os cabelos lavados e soltos, algo aparentemente simples, transforma completamente o estado físico da menina, tornando-se um momento de renovação.

O banho, portanto, vai além do bem-estar físico ao ser um momento de afeto e alegria, essencial para o desenvolvimento emocional das crianças. Para essa menina, ele representa uma oportunidade de vivenciar algo que talvez falte em sua rotina familiar

Quando o educador proporciona um ambiente calmo e carinhoso, a criança aprende a se sentir segura. Sobre isso, P1 elucida:

*É um momento que a gente consegue causar ali um relaxamento na criança, e esse bem-estar físico, no cuidado físico, é visto na relação que ela vai construindo com esse educador. [...] Isso causa um bem-estar do ponto de vista emocional, dessa conexão, desse acalmamento, desse aquietamento da criança, não só naquele momento. [...] "O momento do banho, dos cuidados íntimos, ele reverbera também em outros espaços, em outras relações do cotidiano. (P1)*

Sendo assim, P1 entende que a sensação de segurança que emerge durante o banho não fica limitada a essa experiência específica, ela reverbera para outras situações do cotidiano, ajudando a criança a se sentir mais confortável em outras interações e a desenvolver relações mais saudáveis e positivas com seus pares e adultos ao seu redor. Ainda sobre o bem-estar, P2 aponta:

*[...] quando os bebês estão muito agitados a gente sempre fala: vamos dar um banhozinho quente neles [...] e aí quando eles voltam, depois desse momento do banho, eles voltam mais calmos, tranquilos, parece que as emoções foram voltando pro lugar [...] o banho também é um momento sensorial pra eles. Às vezes, eles estão ali naquela busca incessante por estímulos, e aí vem o banho e acalma eles. Então, isso ajuda muito a eles se regularem (P2).*

O banho, descrito como uma experiência de acalento e tranquilização, revela seu papel essencial no bem-estar emocional dos bebês. Quando agitados, o simples ato de um banho quente consegue reestabelecer o equilíbrio, proporcionando um ambiente de conforto e segurança. Essa prática não é apenas um cuidado físico, mas também uma forma de proporcionar um momento sensorial que atende às necessidades de estímulo e regulação emocional dos bebês.

#### **4.1.2 Relações interpessoais: fortalecimento de vínculo**

O banho é um momento crucial, pois combina o cuidado com a educação, criando uma relação de confiança entre o educador e a criança. Além disso, é essencial destacar que a fala, o olhar e o toque acontecem de maneira simultânea nos momentos de cuidado e são extremamente importantes para estabelecer uma relação baseada no diálogo e na criação de um vínculo afetivo. Esse vínculo é fundamental para a formação do indivíduo, conforme ressalta Judit Falk (2016).

O processo de aprendizagem não ocorreria de forma eficaz em um ambiente desagradável, onde as expressões e potencialidades da criança não fossem respeitadas, ou em um espaço que não desse prioridade ao fortalecimento dos laços afetivos. O apoio do adulto vai além de simplesmente realizar as tarefas pela criança, mas visa promover um momento de cooperação entre professor e bebê. Dessa forma, mesmo em atividades ligadas ao cuidado pessoal, os bebês podem participar ativamente, colaborando em ações que envolvem relações de confiança e autonomia. Dependendo da maneira como o adulto interage, com toques gentis e respeitosos, o bebê aprenderá a confiar no educador e a enxergar o mundo como um lugar seguro e confiável. Essas primeiras aprendizagens, muitas vezes subestimadas e deixadas em segundo plano, são essenciais para o desenvolvimento da personalidade infantil (Tardos; Chahin, 2018).

Apesar de entender o potencial do banho, P2 ao ser questionada sobre as conversas e interações que ela realizava no momento do banho, expressou:

*Eu não realizo. Eu não dou o banho, eu fico na sala com o restante da turma que ainda não foi para o banho. Então, eu não sei quais são os tipos de interação que as pessoas que tão dando o banho realizam, e também nunca perguntei [...] (P2)*

A fala acima destaca uma lacuna na interação entre educador e criança, especificamente no que diz respeito ao momento do banho, visto que pode ser um espaço valioso para construir vínculos. Ao afirmar que não participa dessa atividade e que nunca perguntou sobre as

interações que ocorrem ali. Embora tenha reconhecido que o banho promove bem-estar emocional, podemos inferir que a professora pode entender o banho como ação de responsabilidade do auxiliar, sendo sua principal função estar atenta ao restante da turma que não está no banho.

Em contrapartida, P1 enfatiza a importância da comunicação durante o banho, utilizando a fala e o toque para acalmar as crianças:

*Quando a gente cantarola um pouquinho pra ela, né? [...] Quando a gente conversa, quando a gente pergunta, né? (P1)*

Em outro momento ele afirma:

*Durante o banho, quando a gente consegue ter esses movimentos de postura respeitosa mesmo, de antecipar os movimentos, a gente percebe que a criança já começa a se integrar nesse momento do banho, de participar às vezes, de tocar na água, mostrar a água, tocar o momento do sabão. A gente tem uma esponjinha de banho. Então, deixar que a criança pegue a esponjinha que ela manuseie [...] (P1)*

O cuidado físico, como a higiene das partes íntimas e a observação de incômodos, é essencial. Ainda sobre as interações comunicativas o Professor (1) ressalta: "*então, a gente consegue nomear [...] tá machucado, tá coçando, tá incomodando.*" A intencionalidade pedagógica é refletida na forma como ele organiza e planeja o momento do banho, buscando sempre promover um ambiente seguro e acolhedor para as crianças.

Thévenot e Naouri (2004, p.113) explicam que, quando o bebê é envolvido por gestos repetitivos e acolhedores que lhe oferecem referências, ele experimenta uma sensação de tranquilidade e confiança que contribuem para o desenvolvimento da segurança. Nesse estado, o bebê sente-se em harmonia, completo e consciente de sua própria existência e em parceria com o educador que cuida-educa.

Conforme os relatos de P1, pode-se inferir que o vínculo entre ele e os bebês sugere que o momento do banho ocorre de maneira serena, harmoniosa e alegre. O tempo dedicado à atividade não parece ter aumentado significativamente por causa das interações, em contraste com um banho feito automaticamente, onde a criança é tratada como um objeto. Assim, ressalta-se a importância do tempo de qualidade, fundamental para os bebês e que não deve ser negligenciado.

Nesse aspecto, reforçamos o que dizem Guimarães e Arenari (2018, p. 16) ao afirmarem que os momentos de cuidado corporal são essenciais para promover a humanização dos bebês, além de fortalecer as possibilidades de interação afetiva e diálogo. Sobre isso, P1 aponta, ainda como interação durante o banho, a seguinte fala:

*[...] a conversa mesmo, de conversar com a criança, de perguntar sobre como está a dinâmica dela, se ela gostou do almoço, se ela gostou de tomar o café da manhã, se o banho está desconfortável para ela. Quer dizer, a gente sabe que não está legal, que está machucado, que está ferido, que a água não está tão boa. Vamos regular a temperatura da água para ela ficar mais quentinha. E daí conversar mesmo com a criança, para que ela possa ter esse contato com o adulto. (P1)*

A fala destaca a importância de estabelecer um diálogo sincero e afetuoso entre ambos, reconhecendo as experiências e sentimentos dos bebês. Essa é uma postura fundamental para a segurança afetivo-relacional do bebê:

Desde a primeira infância, as crianças necessitam que a educadora se preocupe com elas, que lhes fale[...] As crianças a procuram com o olhar, depois com sinais cada vez mais variados de acordo com a idade, chamando a atenção da educadora com a qual elas desenvolveram uma relação durante o cuidado. (Falk, 2016, p. 57)

Regular a temperatura da água, por exemplo, simboliza a atenção às necessidades emocionais e físicas da criança, promovendo uma conexão mais profunda e saudável. Essa prática é fundamental para o desenvolvimento emocional e social da criança, ajudando-a a expressar suas preocupações e a construir confiança nos relacionamentos.

Para além, é notório, no decorrer do diálogo com P3, que a organização quanto ao momento do banho ocorre com um planejamento pedagógico claro, considerando-o como uma oportunidade de aprendizado e interação. Durante o banho, ela utiliza estratégias pedagógicas para envolver as crianças, seja cantando ou conversando, como podemos identificar na fala abaixo:

*Eu sempre tento organizar o banho de forma que ele seja um momento pedagógico também. [...] A gente conversa com a criança, canta, fala sobre o que está acontecendo, para que ela participe e sinta que aquele momento é também uma forma de aprendizado. Não é só lavar, é uma interação. (P3)*

De acordo com o relato da professora, enquanto conversa com a criança, ela explica o que acontecerá a seguir e, em alguns momentos, pede sua colaboração. Segundo a professora, a criança, geralmente, responde, mostrando que é capaz de realizar as ações sugeridas. Assim, a atenção e a dedicação da professora demonstram a profundidade do cuidado que discutimos neste trabalho. Esse cuidado transcende aspectos repetitivos e mecânicos relacionados apenas à execução de tarefas, envolvendo afeto, atenção, carinho, respeito, envolvimento e compaixão. Essas atitudes se manifestam na interação com o outro. Dessa forma, o cuidado se concretiza quando a professora atribui significado aos sinais e expressões emitidos pelas crianças.

A rotina do banho deve ser cuidadosamente planejada, visando manter a continuidade do processo de desenvolvimento do bebê, além de fortalecer e preservar o vínculo afetivo entre

o adulto e a criança. Segundo Soares (2012, p. 46), o ato de cuidar envolve diversas dimensões, sendo uma delas a dimensão física. No contexto da creche, a rotina desempenha um papel crucial na adaptação da criança, exigindo acolhimento. Ao iniciar esse processo, a criança precisa de atenção e proximidade física, pois a entrada em um ambiente novo, com pessoas e rotinas desconhecidas, pode causar desconforto e mudanças em seu comportamento.

P3 relata um momento de interação durante o banho, deixando evidente a sua participação:

*Aí a gente vai, depende, 'né'? Depende... Mas, geralmente, é isso, canta, conversa, pergunto como ela tá, porque também é um momento [...] banhei os três dias que eu estava lá, banhei, vesti a roupinha deles, fiz essa interação, porque a gente tá com uma carga mais pesada de trabalho, mas assim [...] também é um momento que eu também fico mais próxima deles, sabe. (P3)*

Dessa forma, a interação se reflete na prática, como relatado por P3 e P1, que descrevem o momento do banho como uma oportunidade de estreitar laços afetivos com as crianças. Mesmo diante de uma carga de trabalho intensa, o banho é valorizado como uma chance de se aproximar dos pequenos, utilizando o contato físico e a conversa como meios de criar um ambiente de afeto e segurança.

#### 4.2 DESAFIOS PARA A PRÁTICA DO BANHO

Os desafios enfrentados pelos professores durante o momento do banho são múltiplos e complexos. Além de lidar com a questão prática da higiene, os educadores precisam equilibrar o cuidado físico com a criação de um ambiente emocionalmente acolhedor, no qual a criança se sinta segura e valorizada. Isso exige uma combinação de habilidades que vão desde a antecipação dos gestos e movimentos da criança até a capacidade de promover interações significativas em um contexto de rotina.

Dessa forma, evidenciam-se as falas de P2 e P3, quando questionadas acerca dos desafios:

*Encontro. A principal barreira é a rotina fixa que é boa, mas às vezes atrapalha, porque como não é uma rotina da turma, é uma rotina que rege a escola, você é pressionado pra encaixar nessa rotina e precisa silenciar a dinâmica da sala porque precisa dar conta desses horários. E aí quando precisa fazer uma mudança, eu preciso comunicar a mil professoras: vamos mudar o horário do banho [...] (P2)*

*Quando eu cheguei nas duas unidades que eu passei, já tava tudo encaixado, né?" (P3)*

Conforme o extrato, P3 destacou como as rotinas já estavam estabelecidas, o que facilitou a adaptação inicial “*eu só fiz adaptar ao que eu entendia que poderia ser melhorado.*”, dessa forma, enfatiza o papel ativo do professor em melhorar o processo de forma contínua, sem grandes alterações.

Já P2 traz a tensão entre a rotina fixa da escola e a necessidade de adaptação às dinâmicas específicas da turma. Embora uma rotina estruturada possa ser benéfica, ela pode se tornar um obstáculo, limitando a flexibilidade que os educadores precisam para atender às necessidades dos bebês.

Em contrapartida, P1 relatou as dificuldades que enfrenta devido ao preconceito associado à figura masculina em momentos de cuidado infantil, como o banho, visto como um espaço que não pertence ao homem. Em seu relato, observa a resistência de colegas e a necessidade de se afirmar nesse papel, superando estigmas de rispidez e desconfiança.

*Eu encontro desafios, do ponto de vista da figura masculina. Então, essa é uma questão, nos momentos de cuidados, da intimidade com a criança. Então, a gente sabe que a figura masculina, geralmente é atrelada à figura de violência, de grosseria, de rispidez, de que não é o espaço do cuidado, não pertence ao homem. Então, tem essa resistência (P1).*

Assim, conforme Fonseca (2011) destaca, a inserção de homens em um espaço tradicionalmente dominado por mulheres vai além de uma simples busca por realização profissional. Ao ocupar um lugar “que não lhe pertence”, o homem desafia padrões estabelecidos e identidades rígidas, abrindo caminho para novas possibilidades de identidade tanto para ele quanto para a instituição de educação infantil e o trabalho pedagógico a ser realizado (Rodrigues, 2016).

A despeito de não ser foco da nossa pesquisa, a partir do dado encontrado na fala do professor, é pertinente refletir sobre a presença masculina nas creches como uma maneira de superar práticas e discursos que muitas vezes prejudicam a qualidade da ação educativa nessas instituições. Como já observado por Cerisara (2002), a associação da maternagem ao afeto e cuidado, considerados atributos femininos, reforça o caráter doméstico das atividades na creche, em detrimento do reconhecimento da competência profissional envolvida.

O Professor 1 ainda aponta o seguinte desafio:

*A segunda resistência que eu encontrei, e que eu enfrento assim ainda, um pouco, é que o banho não é momento para o professor da sala. É momento para a ADI (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil), ou para a estagiária realizar, porque é um trabalho menor, de menos valor. Essa é uma concepção que, infelizmente, ainda se carrega. Na verdade, o banho é um momento de potencial conexão do bebê com o educador. Então, revirar essa chave assim levou um tempinho. (P1)*

Essa visão subestima a importância do envolvimento do professor nesses momentos, que são fundamentais para o desenvolvimento da relação de confiança e afeto com as crianças. Ao associar o cuidado a um trabalho "menor", perpetua-se uma hierarquia que não reconhece a integralidade da educação infantil, em que o vínculo afetivo e o cuidado são cruciais.

O último desafio enfrentado por P1 é a ausência de formação acadêmica adequada para lidar com essas situações e a necessidade de buscar, por conta própria, conhecimentos que o ajudem a qualificar suas práticas e desconstruir as concepções limitadoras.

*A academia nos mostra sobre os momentos de cuidado com a criança. Não nos apresenta como é que o banho ocorre. Não nos apresenta como é que ocorre a troca de uma fralda (P1).*

Sendo assim, o momento do banho na Educação Infantil é uma prática basilar e multifacetada, que transcende a simples higiene para se tornar uma oportunidade de interação e vínculo entre educadores e crianças.

No geral, as falas dos professores, sobretudo P1 e P3, revelam a importância de engajar-se ativamente nessas rotinas, reconhecendo que cada toque e cada palavra podem fortalecer a confiança. Contudo, os desafios enfrentados, como preconceitos de gênero e a desvalorização das atividades de cuidado, evidenciam a necessidade de uma mudança de mentalidade sobre o papel do educador. No posicionamento de P2, como apresentado, percebe-se ainda resquícios históricos da atribuição do cuidar e do educar de maneira dissociada, posto que, como professora, não participa do banho, cuja função é atribuída ao auxiliar.

Assim, promover um ambiente onde o cuidado seja visto como um aspecto essencial é fundamental para a formação humana integral da criança e indissociado da educação, destacando que a presença ativa dos educadores em momentos como o banho, é vital para o desenvolvimento afetivo e social, contribuindo para a construção de um espaço educacional acolhedor e que respeite as necessidades da primeira infância.

A partir das análises realizadas, foi possível alcançar os objetivos propostos neste estudo, os quais consistiram em compreender as interações estabelecidas entre professores e bebês durante o momento do banho e em refletir sobre as dimensões afetivas e os desafios inerentes a essa prática pedagógica. Os resultados indicaram que o banho transcende sua função de cuidado técnico, configurando-se como um espaço privilegiado para o fortalecimento de vínculos afetivos, a promoção do bem-estar emocional e a construção de uma relação de confiança entre educador e criança. No entanto, emergiram também desafios significativos, como a subvalorização desse momento por parte de alguns profissionais e a necessidade de

maior conscientização acerca de seu potencial educativo e relacional. Conclui-se, assim, que o banho, quando compreendido em sua complexidade e potencialidade, contribui de maneira decisiva para o desenvolvimento integral dos bebês e para o aprimoramento das interações interpessoais no âmbito da rotina escolar.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, foi possível observar que os estudos que abordam especificamente o papel do banho são extremamente limitados. Isso suscita uma reflexão sobre as razões para a falta de atenção ao tema, considerando que o banho é um momento genuíno para o desenvolvimento do bebê. Além de ser significativo na descoberta do corpo, o banho estreita laços com os educadores.

Os eventos foram analisados com atenção, resultando na identificação de duas categorias principais: percepções sobre o momento do banho, e desafios para a prática do banho. Esses apontamentos foram detalhados e fundamentados nas observações de Falk (2011, 2016), e Guimarães (2013, 2018) que fornecem uma base para compreender como essas categorias influenciam a dinâmica do cuidado.

A investigação das percepções dos professores sobre o banho na rotina das crianças evidencia sua importância não apenas como um ato de higiene, mas como um promotor de bem-estar e um construtor de vínculos afetivos, vislumbrando os objetivos de explorar concepções sobre essa prática. Os educadores entrevistados reconhecem que o banho possibilita a oportunidade do estabelecimento de laços, proporcionando segurança e conforto às crianças. Ademais, essa prática foi vista por eles como uma oportunidade para ensinar sobre cuidados pessoais e fomentar a autonomia, corroborando o objetivo de entender a intencionalidade pedagógica nesse contexto.

A adoção de uma abordagem pedagógica reflexiva durante o banho é comum entre alguns dos professores entrevistados, que buscam integrar essa atividade à rotina de forma intencional. Para maximizar esse potencial educativo, recomenda-se a capacitação contínua, a integração do banho na proposta curricular e a criação de espaços de diálogo entre educadores, tendo em vista compartilhar práticas eficazes. Assim, o banho pode ser reconhecido como um componente essencial na rotina de bebês, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento deles, em consonância com os objetivos de investigar e compreender as práticas pedagógicas nesse contexto.

Contudo, os desafios enfrentados, como a rotina fixa e o preconceito acerca da figura masculina nos momentos de cuidado vivenciados por um dos entrevistados, evidenciam a

necessidade de um olhar mais atento. É fundamental que as instituições de ensino e os profissionais da área invistam em formação continuada e em políticas que valorizem o trabalho dos educadores, garantindo que as crianças tenham acesso a experiências de cuidado e educação de qualidade desde a primeira infância sem paradigmas referentes ao gênero.

Diante disso, retomando as questões que nortearam nosso estudo, entendemos, à luz dos resultados e discussões, que a percepção dos professores participantes desta pesquisa tende a compreender o potencial do banho para o desenvolvimento integral do bebê, apesar da recente formação e do pouco tempo de atuação na creche, dando indícios de um bom olhar para as questões que permeiam o cuidado. Isso ficou mais evidente em P1 e P3. Entretanto, apesar de P2 não participar dos momentos do banho, não descartou a pertinência relacional do educador com o bebê nessa ação pedagógica.

Enxergar o banho como potencializador de construções de vínculo é enxergar o bebê em sua plenitude. Assim, em síntese, com os resultados obtidos, fica a reflexão da necessidade de investir na formação de professores de creche para a apropriação de saberes fundamentais que fazem parte da rotina pedagógica de bebês, como o banho e outras atividades que exigem a ética do cuidado na ação do educador como forma de desenvolver bem-estar emocional e segurança afetivo-relacional nas crianças.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BATISTA Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido**. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. **Brasília**, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: **Ministério da Educação**, 2017.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, Texto promulgado em 05 de outubro de 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil. Volume 01, **Brasília**, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – **Brasília: MEC, SEB, 2010. p.25.**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. Vol. 1. **Brasília: MEC/SEB, 2006.**

CAMPOS, Maria Malta. **Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de Educação Infantil.** In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação de Educação Infantil. Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, p. 32-42, 1994.

CARVALHO, Alysson; et al. Saúde da Criança. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Disponível em: Saúde da criança - Alysson Carvalho - Google Livros. Acesso em: 01 mar. 2024.

CERISARA, A. B. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional.** São Paulo: Cortez, 2002.

DAGNONI, Ana Paula. **As Rotinas No Berçário. O Banho É A Pior Hora?** Univali. 2012. Disponível em: 313. (ucs.br). Acesso em: 03 mar. 2024.

FALK, Judit. **Abordagem Pikler Educação Infantil.** São Paulo: Omnisciência, 2016.

FALK, Judit. **Educar: os 3 primeiros anos: A experiência de Lóczy.** Araraquara: Editora JM, 2011.

FERRONATTO, S.R.B. **Psicomotricidade e Formação de Professores: uma proposta de atuação.** Dissertação (Mestre em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.

FONSECA, T. S. M. **Quem é o professor homem dos anos iniciais? Discursos, representações e relações de gênero.** Orientador: Anderson Ferrari. 2011. 141. F. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. GONÇALVES, Josiane Peres; SANTOS, Crislaine Aragão Teles. “Eles têm uma curiosidade muito grande em saber o que a menina tem e o que o menino tem”: a descoberta da sexualidade entre crianças da educação infantil. **Conhecimento & Diversidade**, v. 12, n. 28, p. 172-186, 2020

GONZALEZ-MENA, Janet; EYER, Dianne Widmeyer. **O Cuidado com Bebês e Crianças Pequenas na Creche:- Um Currículo de Educação e Cuidados Baseado em Relações Qualificadas.** AMGH Editora, 2014.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. Henri Wallon. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana (Coleção dos educadores). 2010. 134 p.

GUERRA, E. L. de A. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Edição Grupo Ânima Educação. 2014.

GUIMARÃES, D. **Ética e cuidado, cultura e humanização: eixos do trabalho com as crianças pequenas na Educação Infantil**. In: Moro, C. e Souza, G. (org.). Educação infantil: construção de sentidos e formação. 1 ed. Curitiba - PR: NEPIE/UFPR, 2018. p 31-44.

GUIMARÃES, Daniela de O. **Relações entre bebês e adultos na creche. O cuidado como ética**. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Técnicas corporais, cuidado de si e cuidados do outro nas rotinas com bebês**. In: ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia (orgs.) Educação Infantil: enfoques em diálogo. – 3ª. ed. – Campinas, SP: Papirus, 2013.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, 2018.

KUHLMAN JR, Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista brasileira de educação**, p. 5-18, 2000.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro. DIAS, Adelaide Alves. O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na Educação Infantil. **29º Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, 2006.

MELCHIOR, Ligia E.; BIASOLI-ALVES, Zelia MM. **Comportamento de bebês na rotina diária da creche**. Journal of Human Growth and Development, v. 12, n. 2, 2002.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.

OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).

RODRIGUES, S. A. **Viajando pela educação da primeiríssima infância: sentidos, crenças e valores que sustentam os saberes e as práticas pedagógicas na/da creche**. 2016. 253f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/144379>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, Cristiane Ribeiro; BOLSANELLO, Maria Augusta. **No cotidiano das creches o cuidar e o educar caminham juntos**. Interação em Psicologia, 6(1), p. 31-36, 2002.

SILVA, Luana Maurren Conte; DE OLIVEIRA NETO, José Firmino. Relações De Gênero Na Educação Infantil: O Tempo espaço Das Brincadeiras. **Revista Uniaraguaia**, p. 63-72, 2022.

SILVA, Viviane dos Reis. O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na Educação Infantil. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - **Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão**, 2018.

SOARES, A. As emoções do care. In: Hirata, H.; Guimarães, N. A. (orgs.). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012, p.44-60.

TARDOS, Anna; CHAHIN, Elsa. *Em manos amorosas: como los derechos de los niños pequeños em hogares para niños ofrecen esperanza y felicidad en el mundo de hoy*. Tradução: Ana María Sánchez; Mayra Cisneros. Revisão técnica: Ma. Carmen Omaña Orduño; Andrea López Monroy. Estados Unidos: Xlibris, 2018.

THÉVENOT, Brigitte; NAOURI, Aldo. **Conversando sobre Bebês—Do nascimento aos 3 anos**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

UJIE, Nájela Tavares; PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. A prática educativa na educação infantil: organização do tempo/espço. REP - **Revista Espaço Pedagógico**, v. 14, n. 1, Passo Fundo, p. 231-240, jan./jun. 2007. Disponível em: [seer.upf.br/index.php/rep/article/download/7695/4528/0](http://seer.upf.br/index.php/rep/article/download/7695/4528/0). Acesso em: 01 mar. 2024.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, p.110-220. 2010.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação Infantil**. Porto Seguro: Artmed, 1998.